

Voz da Verdade (13 set) - PASTORAL

“Cada face enriquece o todo” – página principal

Cardeal-Patriarca de Lisboa considera que o livro “Aprender a ser cigano hoje” é uma obra “imprescindível para realmente conhecer a comunidade cigana em Portugal”. A autora Mirna Montenegro (MM), testemunha ao Jornal Voz da Verdade (VV) o “quão difícil é viver nas margens”.

“Estando com eles, percebi o quão difícil é viver nas margens”

A autora da tese de doutoramento “Aprender a ser cigano hoje – empurrando e puxando fronteiras”, agora publicada em livro pela Editorial Cáritas, fala da sua experiência de mais de vinte anos de trabalho junto da comunidade cigana, onde aprendeu a “fazer dos obstáculos recurso”. Em entrevista ao Jornal Voz da Verdade (VV), Mirna Montenegro (MM) refere que “ninguém pode ser excluído da sua função de bem-estar com o outro, em qualquer espaço”, e que essa missão, para o bem-comum, é responsabilidade de todos. Publicamos excertos da entrevista:

***VV** Começou a apresentação do livro ‘Aprender a ser cigano hoje’ por ler um poema que escreveu no ano 2002, num momento de grande «turbulência» no Bairro da Bela Vista, em Setúbal, que conheceu em 1992 – e sublinhava que foi ali que achou o sentido da generosidade” e a “harmonia na desordem”. Foram essas as maiores descobertas que fez essa realidade lhe foi apresentando?*

MM Sim. A maior descoberta foi, no meu curso de educadora, ter tudo planificado e quando chegou ali “ter deixado de planificar porque tinha que agarrar o imprevisto, o caos e a desordem”, já que “ a forma como se lida com o imprevisto, o acaso e a desordem, não cabe nos livros que nos ensinam na escola. Aprendi a fazer dos obstáculos recurso, a dar a volta, a improvisar, a procurar coisas positivas onde as pessoas só vêm negativo.”

... “Tudo o que se apregoa nos livros, tem confirmação na prática ou não”.

VV *Na Exortação Apostólica ‘Evangelii Gaudium’, o Papa Francisco apresenta a figura do poliedro onde devem “confluir” todas as partes, mantendo a sua originalidade e procurando assim “um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos”. Este é um objetivo que ainda hoje permanece distante dos nossos responsáveis políticos?*

MM “A intenção é essa. Os caminhos para chegar à concretização dessa intenção é que às vezes são desastrosos, desajeitados... Dão azo à violência porque não são suficientemente assertivos, nem incisivo na sua mensagem, no vazio que, às vezes, existe e no qual as pessoas que são a favor da violência se metem”.

VV *Como é que olha para a realidade da violência?*

MM “Muito preocupada e assutada. Uma pessoa que defende ou que tenta dar dignidade à pessoa humana dos ciganos ou das pessoas negras é ostracizada, violentada até pelos brancos, pelos seus pares. É caricato porque se tomo partido ou defendo os que são perseguidos ou rejeitados, sou rejeitada pelos brancos. Isso é muito preocupante”.

VV *“O que foi determinante e o que mais a “puxou” para ter começado a trabalhar junto das comunidades ciganas, e, em particular, junto das crianças?”*

MM “Em primeiro lugar, porque sou educadora. A minha formação inicial é cuidar das crianças e fazê-las desabrochar. Enquanto educadora, fui colocada ali (Bairro da Bela Vista, Setúbal),

pelo Ministério da Educação, num projeto de animação informal e comunitário. Isso é que, para mim, foi a maior dádiva, um acaso que transformou a minha vida. ... Estando com eles, percebi o quão difícil é viver nas margens. Foi uma escolha que fiz porque me apaixonei pelo desafio, pela dificuldade, pela interpelação. ... Sofri na pele o ser emigrante, também sofri xenofobia quando estive no estrangeiro. Revi-me nas pessoas que estavam ali comigo, senti-me identificada com elas e tentei, já que tinha esse privilégio, fazer o melhor que pudesse e soubesse para emancipar e libertar essas pessoas e dar-lhes melhores perspetivas de vida, estando com elas com a dignidade que merecem.”

VV *Na sua opinião, o que foi mudando e o que falta ainda fazer na integração destas comunidades no nosso país? Como se gere tanta diversidade?*

MM “A diversidade vai sendo cada vez maior. Gerir o que é visível e que nos interpela torna-se uma urgência. Gerir a diferença, que é invisível, é uma missão. À medida que vamos desocultando as diferenças culturais, tornam-se tantas e tão diversas que é difícil geri-las sem melindrar”. Cada um de nós deve “tentar não agredir o outro e saber escutá-lo”.

VV *Essa missão que, como diz, é de todos nós, também passa pela educação...*

MM “Sim, na educação e em tudo o que são espaços públicos. Por exemplo, até nos guichets da administração, temos que dar o exemplo, na forma como atendemos as pessoas. Porque uma pessoa que é mal atendida, agride. Claro que a educação é importante e começa em casa – não na escola. Se as famílias, quando vão ao hospital, à Segurança Social, ao centro de saúde, são mal atendidas, com pedras na mão, levam para casa desaforos e desabafos... as crianças ouvem, as crianças sentem que os pais foram humilhados e levam isso para a escola. E, muitas vezes, a escola é o espelho do que vêem na sociedade. A escola não forma tábuas rasas. Ninguém pode ser excluído da sua função de bem-estar com o outro, em qualquer espaço. Não é a escola que faz milagres.”

VV *A partir do seu conhecimento, qual tem sido o contributo da Igreja Católica junto das comunidades ciganas em Portugal?*

MM “Como em tudo, há locais onde funciona melhor e outros menos bem. da minha experiência, sobretudo no Projeto Nómada, de trabalho em parceria, conseguimos cativar

várias parcerias de pessoas muito crentes e ligadas às Igrejas e que participaram nas nossas atividades. Tanto é uma parceria a nível individual, de gente com uma vida paroquial muito intensa e que adere a estas propostas, como pessoas, numa forma organizada, em locais onde trabalhámos, com as misericórdias, com as IPSS de cariz católico... Nós agarrávamos todas as pessoas que nos apareciam, no sentido de as levar a aderir a uma ideia de bem-comum, de dignidade do ser humano”.

Uma sociedade onde todos caibam

Na apresentação do livro de MM, “Aprender a ser cigano hoje – empurrando e puxando fronteiras”, que teve lugar no dia 3 de setembro, na Feira do Livro, em Lisboa, feita pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente (DMC) apelou a uma maior inclusão das comunidades ciganas – e não só – onde cada “contribuição” pode e deve ajudar a reconstruir, como um todo o Portugal de amanhã. Referindo-se à ideia do poliedro do papa Francisco, na sua Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho” (nº 236), “como princípio constitutivo de sociedades onde caibamos todos, naquilo que temos em comum e que é próprio de cada um; ... a atual realidade é certamente global, mas que tem muitas faces”, sublinhou D. Manuel Clemente, acrescentando que “cada face enriquece o todo e não se perde o conjunto. Assim, é mais verdadeiro”.

“Nós somos todos portadores de uma memória que se cimentou na nossa infância e que, por vezes, é muito difícil de destruir”, referiu o DMC recordando que em Portugal existe atualmente cerca de uma centena de nacionalidades residentes, “com uma enorme variedade cultural e sociocultural nas histórias que transportam, consciente ou inconscientemente. (...) Esta inclusão numa sociedade a reconstruir, não será o Portugal do antigamente, será um Portugal novo, que acontecerá com todas estas contribuições bem-vindas”. E classificou esta obra de “imprescindível para realmente conhecer a comunidade cigana em Portugal”.

Casa comum

“Para que uma inclusão da comunidade cigana possa ter sucesso, DMC apontou um sistema escolar ‘que está dar frutos’, mas em que tudo se articule, não apenas a proposta oficial da escola – porque essa é geral -, mas também a inclusão das famílias, com as suas próprias tradições, através de mediadores e tudo o mais que a sociedade transporta’. ‘Se isto acontecer em relação à realidade cigana e a todas as outras comunidades que aqui temos, tão variadas, elas sentir-se-ão em casa, naquela casa comum que nós havemos de construir e que ainda não existe”. Na criação destes ‘espaços comuns de reconstrução social’, para que todos se ‘sintam em casa’, mas para isso ‘teremos que ser muito prudentes, cautelosos, nada ideológicos, muito abertos, muito recetivos’, alertou.”